

Tontos Atlantes



<u>CAPÍTULO UM</u>	4
AIRES	4
<u>CAPÍTULO DOIS</u>	41
UMA VISITA AOS TEMPLOS MEMORIAIS	41
<u>CAPÍTULO TRÊS</u>	57
OS JARDINS CELESTIAIS	57
<u>CAPÍTULO QUATRO</u>	74
O TORNEIO SOLAR	74
<u>CAPÍTULO CINCO</u>	85
A INICIAÇÃO	85
<u>CAPÍTULO SEIS</u>	109
LUZ, FAÇA-SE LUZ	109
<u>CAPÍTULO SETE</u>	123
OS ESTÍGMAS	123
<u>CAPÍTULO OITO</u>	144
O ENCONTRO COM BELIAL	144
<u>CAPÍTULO NOVE</u>	161
A ESPADA FLAMÍGERA	161

... Certa vez, a Verdade andava nua e crua pela Terra. Ela era zombada por todos onde passava. As crianças tinham medo dela. Os mais velhos e experientes se escondiam, e não a compreendiam. Os jovens a desdenhavam e se faziam de surdos. Ela sentiu-se triste e sozinha.

Por outro lado, sua irmã gêmea Alegoria era bem recebida por todos. Por onde passava as pessoas faziam festas e comemorações. Porém, havia um problema. A Alegoria não tinha alma, somente tinha roupas.

As roupas da Alegoria eram coloridas e brilhantes, e por isso, trazia alegria e felicidade a todos que a viam. As crianças a amavam. Os mais idosos a idolatravam, e os mais jovens, curiosos, paravam tudo o que estavam fazendo para vê-la passar. Todos a escutavam, e até faziam canções para ela.

A Verdade vendo tudo isso se entristeceu ainda mais, e se isolou do mundo. A Alegoria bem que tentou convencê-la de que era importante à humanidade, mas ela estava em depressão, pois acreditava que ninguém a queria.

Então, a Alegoria teve uma idéia brilhante.

- E se você me vestisse? Assim poderia ir a todos os lugares e as pessoas a receberiam melhor e a ouviriam! O que acha?

- Você faria tal sacrifício por mim?

- Sim eu faria, até porque eu sozinha sou vazia, e com você seria completa!

Desde então, a Verdade vestida de Alegoria, vem andando pelo mundo afora. Às vezes, é conhecida em uma determinada região como Lenda. Em outras, como Parábola, e em alguns casos, como Conto.

O nome que se dá a Ela agora, já não importa muito. O mais importante é que as portas sempre estarão abertas à Verdade, enquanto Ela estiver vestida com as roupas alegres da Alegoria.

E Esta é a Verdade... digo, Conto da Antiga Atlântida. Uma história verdadeira com personagens fictícios... ou será o contrário?

CAPÍTULO UM

Aires

Amanhecia mais uma manhã de solstício na capital dos portões de ouro, *Shanballa*. Todos os homens e mulheres desta cidade estavam em forma de cruz, com os braços estendidos e pernas esticadas e justapostas, com a face voltada em direção ao sol, enquanto pronunciavam suas *palavras de poder*, preces e orações. As pessoas se concentravam predominantemente nas praias, outras nas praças e algumas nos jardins dos templos para contemplar o astro rei. Todos, menos um...

- Acorde! Jovem príncipe, acorde! – Gritou uma voz metálica parecida com a de uma soprano engripada.

- Argh! Ainda é cedo! – Respondeu um jovem de vinte e quatro anos, de rosto inchado por ter dormido demais.

- Cedo?! Meu senhor, Orpheus o aguarda na antessala do palácio para sua aula de música!

- O quê? Perdi de novo a cerimônia do solstício? Meu pai vai me matar! – disse assustado.

Finalmente, o jovem sentou-se na cama e reparou que seu amigo Andre, o andróide, estava com a face toda rabiscada com giz de cera e roupas sujas com sopa de legumes.

Andre era um andróide serviçal. Sua aparência era a de um humano, porém sua pele era branca como a de um cadáver, e seus olhos pareciam de vidro azulado. Tinha cabelos negros.

- Que aconteceu com você?

- Foi o Hércules, senhor. Aquele menininho não me dá sossego! – Respondeu o andróide, ainda com uma voz aguda metálica e ligeiramente irritante.

- Ah, claro só podia ser ele mesmo! Venha cá... eu vou reprogramar seus circuitos de voz! – Falou o jovem, levantando seminu em direção às costas do amigo andróide, que tinha mais ou menos a sua altura.

Girou alguns botões, e a voz do *robô-vivo* foi se robustecendo até tornar-se mais agradável e masculina.

- Do jeito que você falava, até parecia uma desajeitada cantora de ópera...

- Agora, ajude-me a vestir, pois não quero deixar Orpheus esperando ainda mais!

O rapaz vestiu calças e camisa de seda levemente azulada, que lembrava ligeiramente a um kimono dos lutadores de judô. Calçou suas sandálias que se amarraram, automaticamente, com tiras de couro em suas canelas. Em seguida, foi em direção à câmara real, de paredes de mármore branco e piso de granito avermelhado, onde Orpheus, e mais oito músicos, o aguardavam...

- Jovem príncipe, que bom revê-lo! Percebo que dormiu bem, muito bem quero dizer, pois como já deve ter percebido, estamos todos à sua espera para começar o ensaio! – Repreendeu um homem alto, de pele morena, careca e olhos tão negros quanto à noite. Vestia um manto negro, com detalhes dourados.

- Perdoa-me senhor. Eu prometo... – deu uma pequena pausa olhando aos olhos negros do mestre, – da próxima vez acordar mais cedo!

Todos riram. Acordar cedo sempre fora um grande sacrifício ao príncipe. Todos os dias na Academia Militar, o jovem era repreendido por sua preguiça espantosa em levantar-se.

- Senhor, seu oboé! – Disse o andróide entregando delicadamente o instrumento de sopro.

- Obrigado Andre... pode ir agora, lave-se e troque de roupas!

Todos se sentaram em pequenos bancos de couro de dragão, na qual em sua frente, havia uma prancheta com papiros brancos. Alguns andróides musicais com instrumentos de cordas, semelhantes a violinos e celos, se colocaram mais ao fundo da sala.

Orpheus, observando que todos já se encontravam acomodados, bateu três vezes com uma varinha que segurava em sua mão direita no pedestal bem à sua frente, e iniciou-se uma profusão musical, com ênfase ao oboé do jovem príncipe. A primeira música foi festiva, em comemoração ao solstício, a segunda foi alegre e divertida, porém melancólica, uma das preferidas de Aires.

Antes de começar a terceira, o jovem observou através de uma grande fenda, em forma oval da parede de mármore branco da câmara, uma esfera azul brilhante, semelhante a uma enorme bola de basquetebol, que parecia ter saído das águas do mar, pois respingava à medida que flutuava em direção ao palácio real.

Orpheus deu uma olhada severa ao príncipe, como que dizendo: *concentre-se*, e ele não olhou mais pela janela.

Na metade da terceira música a esfera azulada invadiu a sala e se colocou em frente ao príncipe. Desceu ao piso, e uma mensagem holográfica do rei foi ativada.

- Aires, eu suponho que novamente tenha dormido mais do que devia! Quando irá aprender? – Disse o holograma de seu pai, enquanto seus olhos virtuais examinavam todo o recinto. A voz forte e grave do hierarca parecia transpassá-lo.

- Vejo que agora se encontra em sua aula de música, pois bem... - o silêncio se fez mortal na câmara - desculpe-me Orpheus...

Orpheus apenas reclinou a cabeça em sinal de reverência.

- Pai, eu prometo que não voltará a acontecer, acredite! – Desculpou-se Aires.

- Gostaria de acreditar, mas não importa, quero que venha ao templo hoje à tarde para ter comigo. Sem mais delongas, continue à sua aula...

Sem que tivesse tempo de contestar o pedido, a esfera desligou-se e saiu flutuando do palácio.

Orpheus bateu mais três vezes no pedestal, e todos começaram a tocar novamente. Assim prosseguiu-se sem nenhuma interrupção até a nona música.

Ao final, Aires se dirigiu à cozinha do palácio e lá tomou chá de hortelã pimenta e comeu, apressadamente, amêndoas com mel, pois estava atrasado, e queria assistir ao treinamento holográfico de sua irmã gêmea Ariel e de seu irmão mais velho Antares.

O treinamento se daria ao norte da cidade, próximo ao rio *Okoseria* que circundava toda a área externa da capital atlante, antes de desembocar ao mar. Aires estranhou não poder participar do treinamento, até porque, ele sempre fora o melhor aluno da Academia, e por isso, não entendia tal resolução do rei.

Aires montou em seu veículo antigravitacional. Era uma esfera branca com detalhes em azul e traços vermelhos, mas que tinha duas *janelas* laterais, e vista de frente, parecia que o piloto estava dentro de um pneu voador. Era muito fácil de operar e, segundo Antares, até mesmo uma criança de seis anos poderia pilotá-la.

O jovem príncipe disparou com seu veículo e seguiu flutuando baixo pelas ruas da cidade. O rei havia proibido o uso de naves no espaço aéreo desde os rumores vindos do sul da Atlântida que segundo diziam os viajantes, a nefasta autointitulada rainha Katebel, havia declarado guerra ao rei, o que fez que muitos utilizassem esses pequenos veículos esféricos ou as *calçadas rolantes*. Já os aristocratas atlantes, utilizavam as bigas e carruagens antigravitacionais puxadas por belíssimos leões.

A cidade de *Shanballa* era circular e regada por três grandes rios, desviados também em forma circular, formando círculos concêntricos interligados por diversas pontes, e no centro da cidade, ficava o palácio real. Até este último círculo, várias ruas e

avenidas os tangenciavam, partindo do maior para o menor círculo, gerando um magnífico símbolo divino, quando visto do alto. Aires pegou uma destas avenidas e seguiu até uma passagem secreta nos largos muros construídos de rocha sólida e de *sete metais*.

Logo, avistou uma grande construção nas areias daquela região, com uma cobertura que se assemelhava a uma abóbada celeste. Entrou no recinto e se espantou com o que viu.

Havia dois exércitos, todos estavam utilizando uniformes plástico-metálicos, que consistiam em calças e jaquetas coladas ao corpo, a fim de reproduzir queimaduras ou luxações no treinamento holográfico-realístico.

Os hologramas haviam criado uma atmosfera de guerra no deserto, e duas forças, uma vestida de vermelho e outra de negro, lutavam entre si. O vermelho era comandado por Antares e o outro por Ariel, enquanto Nemrod, o comandante das forças netunianas, avaliava as duas frentes.

Aires pegou um capacete em forma de elmo, e o ajustou à frequência à qual se poderiam ouvir as conversas telepáticas dos soldados em guerra.

KRIM - um som metálico era ouvido toda vez que recebia a mensagem telepática de alguém que pressionava o botão frontal do capacete.

- Farei você comer poeira Ariel... – Aires reconheceu a voz telepática, era seu irmão mais velho Antares, e estava provocando sua irmã gêmea.

KRIM!

- É o que veremos irmãozinho...

O time vermelho avançava sobre o inimigo. Os pilotos das pequenas naves, em forma de charuto de cor cinza, haviam destruído a barricada holográfica de proteção da equipe de Ariel, e os soldados estavam sendo fuzilados pelos tiros de *armas-de-fogo*.

No time de Ariel estava Azariel, o melhor amigo de Aires, e também o desastrado e conserta-tudo Amfortas.

- Azariel, dê cobertura para Amfortas enquanto ele conserta a barricada... – Ordenou a manda-chuva Ariel.

Ariel era uma líder nata e irmã gêmea de Aires. Uma guerreira, capaz de tomar decisões rápidas em momentos difíceis. Muito útil em situações de guerra.

O céu holográfico estava iluminado com centenas de bolas de fogo que eram disparadas pelas *armas-de-fogo* de ambos os lados. Estas bolas quando disparadas pela equipe vermelha tinha cor amarelo avermelhada, enquanto o time negro disparava bolas

de fogo de cor amarelo azulada. Grandes explosões foram ouvidas, e uma fumaça cinza criou uma atmosfera de guerra e tensão.

Um tanque de guerra, parecido com uma aranha viúva negra, avançou contra o time vermelho, era um contra-ataque de Ariel. O tanque disparou raios solares de cor vermelha e atingiu diversas naves inimigas que caíram em terreno hostil, e seus pilotos foram feitos reféns do time negro.

Antares entrou em uma dessas naves e sobrevoou a aranha, que tentou derrubá-lo de todas as maneiras. Outra nave do time vermelho aproveitou a brecha, e disparou diversas bolas de fogo contra a aranha mecânica que explodiu, enquanto o soldado fora ejetado pelos ares.

- Fala aí maninha... seus soldados precisam de mais concentração! – Disse Antares rindo em gargalhadas.

- Barricada consertada! Estou ativando... agora. – Avisou Amfortas.

Um campo de força, semelhante a uma bolha de sabão, fora acionado, e os tiros de fogo das naves inimigas já não causavam nenhum dano.

Um soldado vermelho avançou no território negro, e disparou diversos tiros contra Azariel e outros dois outros soldados próximos a ele. Estes dois soldados caíram holograficamente mortos. Em seguida, caiu Azariel morto. Aires se levantou ao ver o melhor amigo caído. *Gostaria de estar lá, no campo de batalha junto a ele!* – Pensou enquanto voltava a se sentar.

O soldado que estava disparando contra o time negro foi cercado por diversos inimigos que o prenderam. Aires percebeu ser um dos discípulos de Netzah, o mestre que comandava as forças da guarda imperial.

Uma nave do time negro fora atingida, e caiu em cima do centro de comunicações de Antares. O exército vermelho revidou e disparou diversos raios solares contra o gerador de campo de força, que em seguida, deu sinais de fumaça.

- Amfortas, conserte novamente o gerador! – Ordenou Ariel.

O jovem correu para consertá-lo, tropeçou e caiu em cima do equipamento gerador. Mas, ao tombar bateu sua *arma-de-fogo* que disparou sozinha contra o gerador e o explodiu.

Aires conhecia bem o desastrado Amfortas e o poder do fogo que as armas disparavam. Já havia se queimado várias vezes nos primeiros anos da Academia, mas neste quesito, Amfortas sempre fora o supremo campeão.

Minutos depois, o time vermelho tomou o território de Ariel, deixando-a atordoada com a confusão que Amfortas havia provocado. Não demorou muito, e encontrava-se encurralada.

- CHEGA! – Berrou Nemrod do camarote, um pouco acima à arquibancada onde Aires sentara.

O deserto desapareceu como por encanto, e todo o cenário se reduziu à máquinas e uniformes brilhantes.

- Creio que ambas as equipes estão cientes de seus erros e acertos. Ariel deve se concentrar mais, e fazer seu time ficar mais atento... E você Amfortas... – Nemrod parou por um momento, como que buscando palavras para amenizar o desastre causado por este soldado, mas foi interrompido por Antares.

- Minha irmãzinha querida me deve congratulações... E você Azariel, precisa melhorar suas defesas...

- Da minha equipe cuido eu queridinho... – respondeu Ariel suspirando e olhando desanimada para Azariel e Amfortas.

Os soldados se dirigiram ao vestiário para tomar banho e trocar de uniforme. Antares avistou Aires e o chamou:

- Aires! Que bom que veio, vamos almoçar juntos?

- Vamos sim, mas só se você, Azariel e eu formos correndo até em casa!

- Está bem vamos lá! Só nos aguarde trocar de roupas.

Não demorou muito e saíram os três disparados feitos loucos em direção ao *Okoseria*. Chegando lá, os três o saltaram, tentando atingir à outra margem. Várias vezes já haviam tentado a façanha, mas nunca a conseguiram. O rio media em média cerca de trinta metros de uma margem à outra. Na Academia Militar de Netuno, os estudantes eram instruídos a trabalhar com o elemento *solar* que existe em cada um dos átomos que formam a natureza. Aprenderam a se concentrar neste, e assim, realizar prodígios impossíveis a meros mortais.

Os três voaram alto pelo rio enquanto saltavam, e o primeiro a cair fora Azariel, que pulou cerca de dezenove metros. Em seguida, caíram quase juntos Aires e Antares, com cerca de vinte e quatro metros de travessia. A água era pura e cristalina, como em todos os rios do continente da Atlântida. Aires deu um mergulho às suas águas profundas, e quando chegou à superfície viu sua irmã Ariel saltando o rio, formando um arco que o atravessou ponta a ponta, enquanto gritava:

- IAO...

Os três ficaram desapontados. Nenhum deles havia jamais conseguido saltar de margem a margem e, logo sua irmã, *aquela metida* – pensou Aires, - os humilhava daquele jeito.

- E aí meninos precisam de uma toalha? – Perguntou Ariel em gargalhadas.

Os três não agüentaram, concentraram-se no elemento solar, e saltaram de dentro do rio, de cerca de sete metros da lâmina de água, para a margem.

- Não maninha, não precisamos de toalha, mas você vai precisar! – Falou Antares, enquanto a abraçava tentando imobilizá-la.

Logo, os três a envolveram, enquanto a princesa que se esperneava e berrava.

- Vocês não se atrevam... Antares...

De nada adiantou a gritaria, os três a arremessaram rumo às águas geladas do rio. Imediatamente, saltaram os três juntos novamente. Ficaram ali por mais algum tempo, brincando e dando boas risadas da braveza de Nemrod.

Aires, por algum motivo que desconhecia, não gostava de Nemrod. Não confiava nele. Sentia certa angústia toda vez que conversavam, e era um dos poucos instrutores da Academia de quem não admirava.

Os quatro se dirigiram à *cidade das portas de ouro*, entrando pela passagem secreta. Resolveram disputar uma corrida. Correram sob o sol escaldante do meio dia.

Na corrida Antares era imbatível, seguido por Aires e Azariel, e por último Ariel.

Chegaram ao palácio real na hora do almoço. Aires foi logo tomando suco de frutas cítricas e verduras verdes. Ariel atacou, como sempre, as massas com molho de frutas vermelhas. Azariel e Antares se deliciaram com a salada protéica de algas marinhas.

Os atlantes, com exceção do povo do sul, raramente comiam carnes. Preferiam frutas e saladas verdes. As leguminosas serviam para sopas e molhos. As algas marinhas eram cultivadas em fazendas submarinas sob direção direta do rei. Às vezes comiam determinados invertebrados tais como as ostras e outros frutos do mar.

Essa dieta fazia dos atlantes pessoas extremamente saudáveis e embora, tivessem uma medicina avançadíssima que praticavam em templos de cura, raras eram as pessoas que precisavam de tratamento, pois eles acreditavam que o melhor remédio eram os próprios alimentos que comiam.

Os corpos dos atlantes eram perfeitos, esbeltos e fortes.

Não havia pobreza, conceitos raciais ou sociais. Viviam em paz, porém uma bandeira de guerra se agitava ao sul do continente. Aires, estava sendo privado de qualquer informação à respeito dessa tribulação, e agora, refletia o por quê não fora convocado para o treinamento do dia de hoje, enquanto saboreava o almoço feito carinhosamente pelas serviçais do palácio.

- Cozinhar é uma arte! – Disse Vênus, chefe das serviçais reais.

- Uma arte que precisa ser comida! – Galanteou Antares para sua esposa.

Risos foram ouvidos, e brindes ao vinho não fermentado, foram oferecidos à Vênus e suas serviçais.

- À arte da culinária! – Brindou erguendo o cálice Azariel.

Vênus era uma mulher única, meiga e carinhosa, olhos azuis e longos cabelos castanhos. Estava grávida de seu primeiro filho. Antares estava muito feliz por isso, e acariciando os cabelos de sua amada, propôs mais um brinde.

- Ao meu querido filho que está por vir!

Todos se confraternizaram e continuaram conversando enquanto os andróides começavam a recolher as louças para lavarem.

Aires se recolheu em seu quarto, queria meditar um pouco. Antares, Ariel e Azariel foram caminhar à beira da praia. Aires percebeu que pareciam querer conversar sem a presença dele. Subiu a escadaria de mármore rosa que dava até o seu quarto no terceiro piso. Tocou uma espécie de sino, e logo Andre estava com ele.

- Andre, prepare-me, por favor, um banho relaxante!

- Senhor Aires, eu percebo que está triste, o que foi que aconteceu? – Indagou o andróide.

- Sinto que alguma coisa está errada. Sei que no sul, o exército de Katebel, a rainha profana, se agita e o rei não quer, por algum motivo, que eu participe das reuniões...

- O senhor sabe, ele quer que se concentre em sua jornada... – Respondeu o *robô-vivo*, enquanto despejava óleo aromático na piscina circular de fundo azul, que ficava nos aposentos de Aires.

O príncipe despiu-se e entrou na piscina de água quente. O robô lavou suas costas com esponjas que liberavam fragrâncias utilizadas nos templos zodiacais. Outros serviçais robôs entraram no recinto. Aires deu um mergulho para se enxaguar, e em seguida, passou para outra piscina, mas agora de água fria, também circular, mas de tamanho ligeiramente menor.

Deu mais um mergulho, e saiu sendo recebido e secado com toalhas felpudas brancas por dois robôs andróides. Depois, dirigiu-se para uma espécie de bancada de madeira, da altura de seus joelhos, e deitou-se de costas, o terceiro robô fez diversos tipos de massagens por todo seu corpo, misturando vários tipos de óleos aromáticos. Após a massagem relaxante, Aires apenas vestiu calças claras, e logo depois se dirigiu até o sétimo andar do palácio onde ficava a cobertura.

Aires se debruçou sobre um pequeno muro onde era possível ver toda a cidade, com visão de 360°. Fixou seu olhar em um grande templo-pirâmide que estava sendo construído mais ao sul de *Shanballa*, dedicado ao sol.

O festival de solstício havia atraído muitas pessoas para a capital, e inúmeras procissões sagradas dedicadas ao astro rei, eram realizadas pela cidade. O povo atlante era muito místico e religioso.

Do alto também se podia ver o litoral e um gigantesco templo de paredes de ouro à qual deveria ir se encontrar com seu pai. Avistou ainda diversas embarcações se dirigindo ao porto mais ao norte, todos em fila, pois o litoral de *Shanballa* era muito raso, e havia apenas um estreito caminho que fora dragado e construído para conduzir as embarcações, para evitar encalhamentos. Após descarregarem no porto, as embarcações seguiam sempre em frente pela construção náutica, e passavam para uma outra via, até atingirem o mar aberto. Todos os navios, com exceção dos oficiais, eram proibidos de navegar próximo às praias, como precaução de evitar poluição ao ecossistema riquíssimo daquela região. Os banhistas, como Aires, agradeciam, pois as praias de *Shanballa* eram muito limpas e de águas mornas, o que atraía as sereias, nereidas, golfinhos e baleias.

Aires ficou ali fitando as belezas do litoral. Já era tarde e precisava ir ao encontro de seu pai. Fez contato telepático com Andre solicitando que lhe trouxesse uma nova camisa de seda azul.

O príncipe, como seu pai, adorava a cor azul, o que evidenciava os seus olhos azuis esverdeados. O príncipe tinha cabelos loiros escuros, mas cortados muito curtos, quase raspados, como todos da Academia Militar. E seu corpo, era dourado pelo sol forte do litoral atlântico.

Andre acompanhou o príncipe até a praia e se dirigiram os dois ao templo que ficava no alto de um penhasco.

Havia uma grande muralha prateada que circundava a construção do templo, conduzindo a uma penha de mais ou menos 30 metros de altura. Todos os edifícios

sagrados de *Shanballa* possuíam quatro colunas que sustentavam a entrada e três degraus.

Como em todas as construções dos atlantes, as portas eram oblongas. No entanto, neste templo os quatro grandes pilares ficavam um em cada lado do grande edifício em forma de pirâmide. A construção era tão grandiosa que podia ser vista à distância, quase do mar adentro. Os portões encontravam-se abertos devido a grande visitação que o templo recebia.

Aires e Andre se dirigiram à porta de ouro que dava entrada ao recinto. Havia dois guardiões que estavam paramentados com elmo, espada, escudo e armaduras plástica-metálicas, tudo dourado e detalhes em prata. O guardião da direita chamava-se Jakin, o da esquerda Boaz.

Quando chegaram à porta, os guardiões bloquearam a entrada com suas espadas, formando um X de frente aos dois visitantes. Aires colocou seu braço direito em cima do esquerdo sobre o seu peito, e se inclinou em reverência, primeiro para Jakin e depois para Boaz. Os guardiões liberaram a entrada. Andre fez o mesmo.

O templo era grandioso, e o mais belo de todos da capital atlante. A cúpula da antessala era de ouro maciço, sustentada por colunas de prata e latão. As paredes, também de ouro, eram decoradas com marfim e prata. Uma das paredes dava visão ao mar, pois era transparente, feita com os cristais *acássicos*.

As paredes transparentes eram muito utilizadas na arquitetura dos muitos templos do continente da Atlântida. Esses cristais tinham o poder de gravar tudo o que acontecia na natureza, e através da concentração dos devotos, podiam revelar o passado de qualquer coisa e mostrar um futuro provável de acontecimentos.

Naquele dia, havia muitas pessoas meditando no templo, e essas paredes estavam mostrando a criação de um planeta gasoso gigantesco de cor azulada. Via-se primeiro, fumacinhas se formando dentro do cristal, e depois, essa fumaça criava formas e mostrava na tela, como em um filme, e expunha os gases se chocando sob uma forte pressão gravitacional formada por uma espécie de redemoinho.

As formas se modificavam à medida que transcorria o tempo, até expor o planeta como ele é hoje mais os seus satélites. Depois, o cristal mostrava tudo novamente...

Mais adentro do recinto principal da pirâmide, Aires viu duas grandes piras que queimava cada uma do lado de um grande altar de mármore azul claro, o mesmo utilizado como piso do templo, que era espelhado.

O altar estava em um pequeno nível acima do piso principal, sobre três degraus feitos de mármore branco, mais ao norte do recinto, de tal modo que todos os que estivessem ali podiam orar em direção a ele.

Sobre o altar havia uma toalha branca que o cobria por inteiro. Havia bordado na toalha três letras rúnicas. A primeira era a runa *wunjo*, a segunda *nauthiz* e a terceira *raido*. Todas eram trabalhadas em fios vermelhos e dourados.

Sobre o altar descansava um grande livro de ouro aberto, um cálice de prata, uma pena de águia, uma espada, um copo do mais fino cristal com água cristalina e um pequeno frasco com sal marinho.

Atrás do altar, uma vara de sete nós e outra com uma foice em sua ponta. Entre as varas, havia uma gigantesca escultura do rei, e era de ouro puro. Nela, o rei divino, de barba e cabelos ondulados, encontrava-se montado em uma carruagem puxada por quatro cavalos alados, e ao mesmo tempo em que era rodeado por uma corte de cem sereias. A escultura era de tal beleza que parecia estar viva, encantando a todos os atlantes que a viam, e sugerindo um profundo estado de meditação.

Um forte aroma delicioso de nardo infundiu do altar para todo o recinto, convidando aos devotos à oração. Aires sentiu uma paz interior profunda, o silêncio era total. O príncipe se ajoelhou, e ficou contemplando a gigantesca imagem do rei, até que uma agitação no mar chamara sua atenção.

Saiu do templo juntamente com seu andróide Andre, e foi ao pátio em direção ao penhasco.

No mar havia uma oscilação na água com forte borbulhamento. Aires avistou um pouco mais ao norte, próximo à praia, um recife de corais. Nele estavam diversas sereias, que brincavam de fazer bolhas colocando água salgada na boca e depois assoprando.

Uma delas, de longos cabelos castanhos encaracolados que cobriam seus seios, imediatamente reconheceu Aires no pátio do templo, e assoprou uma grande bolha, e depois mais duas pequenas, e as arremessou em direção ao príncipe. Em seguida, jogou-se na água.

- Serena deve ter preparado uma canção para o senhor. – Disse Andre.

Agora, as bolhas flutuavam bem próximas a Aires. As duas bolhas pequenas estouraram, e ouviu-se som de sinos. Em seguida, a bolha maior estourou, e uma linda ária se ouviu por todo o templo:

*Pode ser que ainda sim, os da terra aprendam a nadar,
Pode ser que ainda sim, os da água aprendam a caminhar,
Mas não importa se voemos alto,
O que importa é saber amar.*

Aires conhecia muito bem Serena, a sereia guerreira. Havia sido sua instrutora nas artes de respirar em baixo d'água na Academia.

Após ouvir à música, ele a avistou dando saltos junto a um grupo de golfinhos azuis. As nereidas, que se assemelhavam a peixes azuis escamosos de diversos tamanhos, com cara de gente, haviam se materializado, e brincavam nas cristas das ondas que arrebatavam próximo à areia da praia. Deslizavam junto à água azulada e depois voltavam saltitando ao mar.

De repente, um grupo de sereias, nereidas e golfinhos azuis se dirigiram à tribulação que ocorreu na água de cor azul púrpura, e fizeram um círculo. A água era tão transparente que era possível ver um cardume de peixes amarelos fugindo dos golfinhos. Depois, as águas ficaram turvas, e um vulto de um carrossel se formou no forte borbulhamento daquelas águas.

O som de uma potente corneta de prata foi ouvido por três vezes, anunciando a chegada do rei.

Uma carruagem puxada por um cavalo marinho de cor de pedra emergiu do fundo do mar, e saltou ao ar. Assim que a carruagem flutuou sobre as águas, o cavalo marinho se transformou em um lindo cavalo branco alado. *Pégasus!* – Refletiu Aires.

Conduzindo a carruagem, estava um homem de barba e cabelos cinza ondulados e grisalhos. Usava um manto azul com detalhes em branco e botões dourados. Na boca tinha uma máscara que cobria os lábios, o nariz e os olhos. Era um respirador automático, e servia para converter o ar dissolvido da água e liberá-lo para os pulmões.

A carruagem seguiu em direção a Aires. Um pouco depois, pousou no pátio do templo. O homem saiu do carrossel e se dirigiu ao príncipe.

- Meu filho amado... – Falou uma poderosa voz de um homem de pele branca, olhos azuis da cor do mar, alto, esbelto e forte. Tinha na destra um cetro com tridente.

- Rei Netuno, meu pai. – Respondeu Aires, e correu para abraçar o hierarca da Atlântida.

Só agora Aires percebeu que todos haviam saído do templo para contemplar a chegada da grande majestade, senhor do templo onde estavam. Todos os presentes se inclinaram em reverência.

Suas vestes ainda estavam úmidas. Uma sacerdotisa do templo apertou um botão nas roupas de seu mestre, e elas se secaram totalmente, como por encanto.

- Vamos filho meu, temos muito que conversar! – Disse Netuno abraçando seu filho caçula, e o conduzindo a uma escada que levava à recâmara no piso superior.

As paredes da antessala eram douradas, construídas com ouro e latão. Havia um trono e uma mesa redonda, o ambiente era iluminado por diversas piras que exalavam a olíbano, nardo e zimbros. Aires tomou assento próximo ao pai e perguntou:

- E então, como vai a fazenda de algas?

- Muito bem meu filho... Muito bem! Creio que teremos uma ótima safra de algas e ostras. Na próxima visita quero que me acompanhe...

- Sim meu pai, eu o acompanharei. O senhor sabe o quanto gosto de mergulhar e ficar observando o mundo aquático através das paredes transparentes da fazenda!

- Filho, hoje à noite um grupo de astrólogos reais irão realizar uma sessão aqui no templo de Netuno, e gostaria que você participasse...

- Adoraria, faz tempo que não vejo meu Planeta Azul... – interrompeu o jovem com ares de saudades nos olhos.

- Sim, eu sei disso, e por isso mesmo quero que participe! As boas novas indicam que muito em breve, durante a sua Iniciação, seus companheiros da Galáxia Azul virão ter contigo.

- Que Excelente notícia meu pai... A visita deles é sempre muito importante para mim.

- Sabe meu filho, de todos os *Azuínos* que se ofereceram para nascer na Atlântida você foi o meu eleito. Não por seus graus esotéricos, mas por sua rebeldia. Sei que o interesse *maior* é realmente o seu objetivo, que não ambiciona o trono, e se preciso for... tenho certeza de que servirá seu irmão Antares... E... – parou o rei pensativo, – isso me deixa muito feliz...

O hierarca deu uma pausa e depois continuou.

- Daqui a dois dias irá visitar os *templos memoriais*. Lá, o instruirão sobre nosso sistema solar. Espero que você tire proveito disso tudo!

- Papai... Quero perguntar uma coisa!

- Pois pergunte filho meu!

- Quem será meu Iniciador?

- Não se preocupe com isso. Seu Iniciador será uma pessoa que o preza muito, tanto quanto eu!

Um sentimento de alívio inundou a alma de Aires.

- Agora vamos, quero que jante cedo, pois os astrólogos se reunirão às nove horas da noite, em ponto!

Desceram pela mesma escada que entraram. Ao sair ao pátio, Aires observou uma enorme plataforma de base quadrada flutuando a uns cinco metros acima da lâmina d'água, exatamente sobre a fazenda marinha.

- Veja... – disse o rei divino apontando à plataforma. - são do continente de *Ashartk*, levarão mudas, sementes e parte da produção excedente. Atravessarão ao grande mar *Kolhidius* flutuando até as grandes terras de *Maralpleicie*, nossos fiéis parceiros comerciais.

- Papi – chamou Aires carinhosamente, – creio não ter nascido para diplomacias e políticas...

- Claro que não meu filho... Percebi isso no dia em que nasceu. Você veio ao mundo para ser herói, para fazer história, um verdadeiro *avatar*. Não um político! Isso não... eu tenho certeza, absoluta certeza...

Aires acariciou o cavalo branco que só deixava ser montado por Netuno. Em seguida, subiram os três, Netuno, Aires e seu amigo andróide Andre que o esperara no pátio do templo, onde ficara contemplando o balé das sereias. A carruagem flutuou no ar, e foi puxada por Pégasus até o palácio real. Enquanto partiam, Serena acenava sentada nos recifes...

Ao chegar, Aires foi direto ao seu aposento e percebeu um envelope branco. Ao abri-lo, observou um pequeno cristal de quartzo, utilizado para envio de mensagens. O adaptou em um pequeno aparelho de base hexagonal, de cor metálica, e um pequeno holograma se formou...

- Saudações Aires! – Uma figura de um homem alto, magro, de olhos e cabelos castanhos, de vestes púrpuras apareceu no holograma.

- Mestre Harpocraist... Que surpresa!

- Meu jovem, eu capturei um vampiro aqui em casa e gostaria de mostrá-lo. Pode ter comigo amanhã pela manhã?

- Sim, estarei lá, irei a pé pelos campos de girassóis...

- Então estarei esperando, também convidei o nosso amigo Azariel. Até breve!

O holograma se fechou. Os hologramas fonados tinham certa *consciência*, e de acordo como haviam sido programados, as imagens podiam responder as perguntas e conversar como se estivessem cara a cara. Após o término da conversa, o próprio equipamento holográfico passava, automaticamente, as informações à outra máquina donde havia sido gravada a mensagem original.

Harpocraist tinha sido um de seus melhores instrutores da Academia Militar Netuniana. Com o tempo se tornaram grandes amigos, e Aires o admirava, pois há muito o ensinava diversas coisas interessantes sobre as defesas contra os tenebrosos, e também sobre a vida.

Aires desceu para jantar. A sala de refeição real tinha um enorme quadro à parede feito de cristais *acássicos*. A paisagem retratada era a de um campo de girassóis, e no fundo o sol se pondo. O elemento *acássico* da gravura fazia a pintura parecer viva e tridimensional, e à medida que a observava era possível ver o início da pintura até seu término. Enquanto a imagem se movimentava, os girassóis giravam acompanhando o sol até ele se pôr. Esse tipo de pintura era conhecido com *arte régia da natura*, muito difundida por toda Atlântida.

À mesa estavam Netuno, Antares, Ariel, Azura, o conselheiro real, Vênus e Nemrod, todos sentados lado a lado no balcão oval. Aires sentou-se entre Netuno e Antares, logo à frente de Ariel. O prato principal era ostra enrolada em algas verdes em caldo de ervilhas.

Aires se serviu de sopa de legumes amarelos, enquanto Antares avisava a Netuno.

- Papai, daqui a dois meses nosso filho virá ao mundo. Vênus e eu gostaríamos que escolhesse o nome do bebê.

- Antares, eu prefiro que encomendem o nome aos astrólogos reais assim que o bebê nascer. Os cálculos astrológicos soem ser muito úteis para a escolha do nome...

- Imaginamos que dissesse isso, por isso pedimos para que o Senhor escolha o segundo nome, pois não queremos privar nosso filho desta homenagem.

- Assim será feito! – Respondeu Netuno ao receber algumas ostras das serviçais andróides.

Aires apenas ouvia a conversa. Quando pensava no filho de seu irmão sempre sentia um frio no estômago, como se algo de ruim fosse acontecer. O jantar transcorreu normalmente, e ao fim, Netuno brindou ao sucesso da nova safra de algas protéicas e à